

# Xanana Gusmão, um dos Pais Fundadores da República

Por *Aníbal Cavaco Silva*<sup>1</sup>

Desde que assumi funções como Presidente da República, em Março de 2006, tenho vindo a testemunhar com maior proximidade a afirmação de Xanana Gusmão na vida colectiva da República Democrática de Timor-Leste, designadamente como Primeiro-Ministro do IV Governo Constitucional entre 2007 e 2012.

No desempenho deste cargo, demonstrou o seu patriotismo profundo, que o impele a completar a emancipação política de Timor, antes e depois de 2012, com o lançamento de uma obra de desenvolvimento na qual as gerações futuras se irão rever com orgulho.

Ao longo dos últimos cinco anos, Timor deu passos seguros na consolidação do Estado de direito democrático, em paz e harmonia entre os timorenses e as nações vizinhas. A República de Timor firmou o seu prestígio no plano internacional, assumindo, desde 2009, uma posição de liderança do grupo dos chamados “Estados frágeis”, que tem desempenhado um papel crescente na defesa da ajuda pública ao desenvolvimento.

Foi ainda durante o mandato de Xanana Gusmão como Primeiro-Ministro que a economia timorense registou quatro anos sucessivos de forte crescimento, que o país foi objecto, pela primeira vez na sua História, de um plano sistemático de electrificação e se procedeu ao lançamento dos alicerces de uma rede de protecção social em larga escala.

É ainda de salientar que, em 2010, o número de timorenses alfabetizados em língua portuguesa, entre os 17 e os 24 anos, chegou aos 40 por cento. Em 2011, terminaram o 12.º ano de escolaridade os primeiros alunos que fizeram toda a sua aprendizagem em língua portuguesa.

---

<sup>1</sup> Presidente da República de Portugal.

Em colaboração estreita e leal com os restantes Pais Fundadores da República, Xanana Gusmão colocou Timor num patamar elevado, o que permite alimentar a legítima expectativa de que o contributo deste país para a paz, a segurança e a prosperidade colectivas será cada vez maior.

## Timor-Leste: uma inspiração para o mundo

Por José Manuel Durão Barroso<sup>1</sup>

20 de Maio de 2002 ficará para sempre gravado na minha memória. Foi nesse dia que, na qualidade de Primeiro-Ministro de Portugal, fui testemunha da realização de um sonho antigo, o sonho de independência do povo de Timor-Leste, conquistado ao longo de décadas e manifestado de forma inequívoca no referendo de 1999.

A história de Timor e da Nação timorense é uma história de resistência, coragem e tenacidade de que os timorenses são os principais protagonistas. É também a história de como a solidariedade internacional e a mobilização de todos daqueles que acreditam nas causas justas pode triunfar.

Fico orgulhoso por ter dado o meu contributo, como Ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, nesta longa e sinuosa luta pela independência do Povo de Timor-Leste. Recordo-me em particular dos tempos em que, longe das montanhas de Timor, poucos eram os que acreditavam na possibilidade de êxito, em que a esperança era ténue, os obstáculos pareciam intransponíveis e a lógica dos interesses prevalecia sobre a vontade de um povo. No entanto, provou-se estarem errados os que julgavam impossível que Timor-Leste pudesse alguma vez tornar-se numa nação independente, os que julgavam preferível abandonar o sonho e submeter-se ao *statu quo*. É por isso que a independência de Timor é uma mensagem clara de encorajamento a todos aqueles que, hoje em dia, lutam pela liberdade e democracia em todo o mundo, para que não abdicuem do seu sonho.

Timor-Leste ultrapassou importantes desafios desde 2002. O Povo timorense e a sua liderança souberam escolher o caminho do diálogo, da reconciliação, da democracia como a melhor forma de consolidar a sua independência. O caminho traçado por Timor após a independência é o melhor tributo que poderia ser prestado a todos aqueles, entretanto desaparecidos, que não puderam estar presentes ao hastear da bandeira timorense em Taci Tolo.

---

<sup>1</sup> Presidente da Comissão Europeia.

O percurso de Timor nestes últimos dez anos vem também confirmar a justiça da escolha feita pelos timorenses em 1999. A independência e a democracia permitiram reduzir substancialmente o nível de pobreza e acelerar o desenvolvimento económico. Além disso, Timor-Leste mantém relações próximas e cordiais com os seus vizinhos, mais uma conquista considerável, só possível devido à visão e sabedoria dos seus líderes.

Embora os timorenses tenham sido e continuem a ser os principais obreiros da sua independência, a solidariedade internacional desempenhou um papel importante nestes primeiros dez anos de independência. A União Europeia tem sido um parceiro privilegiado de Timor-Leste, tendo contribuído com cerca de 800 milhões de euros desde 1999 em ajuda ao desenvolvimento. Tive oportunidade de visitar o país em 2007, já na qualidade de Presidente da Comissão Europeia, e de reiterar o empenho e apoio europeu ao país. Na sequência desta visita foi aberta uma delegação da União Europeia em Díli, em 2008, que permitiu intensificar a nossa cooperação bilateral.

Numa altura em que as Nações Unidas preparam a retirada do país, num sinal claro de confiança no Estado timorense, é importante recordar que a independência e a democracia são conquistadas e construídas todos os dias. O progresso económico e social de todos os timorenses será um elemento decisivo nesse processo. E a comunidade internacional deve continuar a prestar o seu contributo. Temos essa responsabilidade, essa obrigação.

A independência de Timor-Leste foi uma conquista que reverberou muito para além do seu território e que tocou muitos mais que o seu milhão de habitantes. Foi a vitória de um povo, mas também de um ideal. É importante que o percurso desta nação continue a servir de inspiração a todos aqueles que, à semelhança da União Europeia, acreditam nos valores supremos da liberdade, democracia e do respeito dos Direitos Humanos.

Neste período-chave da sua consolidação, Timor-Leste e o seu povo sabem que podem contar com os seus amigos no mundo inteiro e, em particular, com o compromisso firme e constante da União Europeia, para que a primeira nação independente do século XXI continue a ser fonte de inspiração.

A luta timorense narra-se na primeira pessoa do plural e o verdadeiro herói foi todo o seu povo. Mas Xanana Gusmão foi um dos personagens maiores dessa luta e tornou-se um verdadeiro símbolo do Timor-Leste independente. O seu percurso pessoal segue de perto e confunde-se com a própria história recente de Timor-Leste. Desde a resistência nas montanhas, até à prisão em Cipinang, e à Presidência da República e chefia do Governo de um Timor independente. Da leitura dos seus discursos poderá certamente perceber-se a evolução da Nação timorense, as corajosas escolhas que têm sido feitas e os muitos desafios ainda pela frente e que, estou seguro, em democracia e com sabedoria, serão certamente ultrapassados.

## A importância de ser Xanana Gusmão

Por *Jorge Sampaio*<sup>1</sup>

No nosso tempo, prevalece uma tendência para desvalorizar a importância dos homens e valorizar a relevância das instituições na definição do destino de uma nação. Essa tese tem o mérito de sublinhar a complexidade das comunidades políticas modernas, onde a participação de todos os cidadãos na formação da vontade colectiva só é possível com recurso a formas legítimas de representação política, que pressupõem tanto um quadro constitucional como a existência de partidos estáveis.

No entanto, sou testemunha de que essa tese geral não se pode aplicar ao caso de Timor, onde a importância de Xanana Gusmão foi crucial para abrir o caminho para a formação do Estado timorense, cuja independência foi reconhecida na sequência da sua eleição como Presidente da República.

A causa timorense era uma causa nobre e sagrada para todos os democratas portugueses. Todos partilhávamos um sentido de responsabilidade pela tragédia de Timor-Leste, inseparável da incapacidade portuguesa para impor um programa de descolonização reconhecido e aceite pelo conjunto das forças políticas timorenses. Nesse contexto, assegurar a autodeterminação do Povo timorense era indispensável não só para restaurar o direito, mas também para defender a honra e o bom nome de Portugal. Não obstante, eram poucos os que acreditavam ser possível alterar o facto consumado da anexação indonésia. Éramos poucos em Portugal e contavam-se pelos dedos de uma mão os responsáveis políticos internacionais empenhados na defesa dos direitos timorenses. Os novos países de língua portuguesa mantinham uma solidariedade activa com Timor-Leste, mas, na União Europeia, os nossos aliados resumiam-se à Irlanda e à Grécia. Esse

---

<sup>1</sup> Alto Representante das Nações Unidas para a Aliança das Civilizações e Enviado Especial do Secretário-Geral das Nações Unidas para a Luta contra a Tuberculose.

isolamento crescente forçou Portugal a pedir os bons ofícios do Secretário-Geral das Nações Unidas para encontrar uma fórmula de compromisso que mantivesse a questão timorense na agenda internacional e protegesse os direitos dos timorenses, incluindo o direito à autodeterminação, inscrito na Constituição da democracia portuguesa.

A viragem foi lenta e gradual. A atribuição do Prémio Nobel da Paz ao Bispo D. Ximenes Belo e ao Dr. José Ramos-Horta representou um marco importante, que consolidou no exterior a estratégia de reconciliação nacional iniciada no interior por Xanana Gusmão para criar uma aliança democrática entre todas as forças representativas do nacionalismo timorense, incluindo, naturalmente, a Igreja Católica. Esse processo levou à criação do Conselho Nacional da Resistência, cuja presidência Xanana Gusmão quis partilhar com o Dr. José Ramos-Horta e o Dr. Mário Carrascalão, antigo Governador indonésio de Timor. No mesmo sentido, o encontro em Jacarta entre o Presidente Nelson Mandela e Xanana Gusmão foi decisivo para assegurar o reconhecimento internacional do chefe da resistência timorense, num momento em que ainda nada estava decidido. Pela minha parte, quis reforçar esse sinal e parti, de imediato, para Pretória, onde falei com o Presidente sul-africano sobre a sua reunião com Xanana Gusmão, o qual, seguindo o exemplo de Nelson Mandela, dirigia a resistência timorense a partir de uma prisão indonésia.

Desde essa altura, passámos a trabalhar directa e quotidianamente com os representantes de Xanana Gusmão. No dia em que o Presidente do Conselho Nacional da Resistência Timorense foi transferido da sua cela em Cipinang para uma instalação separada dentro da prisão, onde podia ter acesso a um telefone, quis ser o primeiro a saudá-lo e falei com ele pessoalmente pela primeira vez. Foi a primeira de muitas conversas, em que se sedimentou uma relação de confiança política, crucial na fase de transição, longa e perigosa, aberta pela demissão do Presidente Suharto.

Para Portugal e para a comunidade internacional, Xanana Gusmão passou a ser a garantia de que uma mudança de estatuto em Timor-Leste se podia fazer de uma forma negociada e ordeira e em que os riscos de uma escalada da violência podiam ser limitados e controlados. Para nós e para os nossos aliados internacionais, tal como para a Indonésia, Xanana Gusmão era o fiador da independência de Timor-Leste. A sua autoridade e o seu sentido de responsabilidade tornaram possível avançar para o exercício, livre e democrático, do direito de autodeterminação dos timorenses.

O *referendum* de 30 de Agosto foi o acto fundador do Estado e da democracia timorense. Em Jacarta, Xanana Gusmão dirigiu a campanha timorense que assegurou uma votação impressionante a favor da independência. Em Timor, a

resistência armada soube não responder pela força aos incidentes provocados pela derrota indonésia, enquanto Portugal pedia ao Conselho de Segurança a intervenção militar das Nações Unidas, que foi dirigida pela Austrália.

Xanana Gusmão pôde regressar, finalmente, a Díli para preparar a etapa final do processo da independência, em conjunto com uma missão especial das Nações Unidas. O seu primeiro gesto foi ir a Nova Iorque, reconhecer o papel decisivo das Nações Unidas e, em seguida, vir a Lisboa, renovar a velha fraternidade entre os timorenses e os portugueses. Estava à sua espera no aeroporto militar, juntamente com o Presidente da Assembleia da República e o Primeiro-Ministro: nenhum Chefe de Estado teve uma recepção comparável na história da democracia portuguesa. Foi o primeiro de muitos encontros mas, quando nos vimos pela primeira vez, já nos conhecíamos há muito tempo.

Sempre pensei que Xanana Gusmão seria o primeiro Presidente de Timor-Leste. A sua relutância em aceitar ser candidato era natural, mas nunca duvidei da sua determinação, nem do seu sentido profundo de responsabilidade. Todos sabiam que nenhum outro dirigente podia representar a unidade nacional dos timorenses no momento da independência e, nesse sentido, era indispensável que Xanana Gusmão fosse eleito para receber, já como Presidente da República, o reconhecimento internacional do novo Estado, no dia 20 de Maio de 2002.

Foi uma honra para mim representar o Estado português na cerimónia da independência de Timor-Leste. No dia seguinte, em mais um acto excepcional, apresentei, pessoalmente, ao Presidente Xanana Gusmão o primeiro Embaixador de Portugal em Timor-Leste. A causa timorense, contra todas as expectativas, tinha-se tornado num Estado independente e soberano e o principal responsável por essa metamorfose era o Presidente da República de Timor-Leste.

Devo dizer que continuámos a trabalhar em conjunto como no passado. Xanana Gusmão foi, sucessivamente, Presidente e Primeiro-Ministro da nova democracia, um feito único, nessa ordem, nos regimes semipresidencialistas, onde antigos primeiros-ministros tinham sido eleitos presidentes, mas nunca o contrário. Em ambos os cargos, Xanana Gusmão confirmou as suas qualidades políticas excepcionais e a força da sua relação única com os timorenses. Como Presidente e como Primeiro-Ministro, Xanana Gusmão continuou a ser o principal interlocutor de Portugal no novo Estado e pôde garantir a consolidação da independência e da democracia em Timor-Leste.

A consolidação do regime constitucional, cujo registo está feito na colecção das intervenções políticas de Xanana Gusmão, torna, por definição, as instituições mais importantes do que os homens. Mas, no nosso tempo, poucos tiveram, como Xanana Gusmão, o privilégio de serem os fundadores de uma nova nação.





## A liderança empenhada de Xanana Gusmão

Por *António Guterres*<sup>1</sup>

Dez anos são muito pouco tempo no curso da História humana, porém na última década vimos a primeira nação do século XXI dar grandes passos rumo à construção do seu Estado e ao seu desenvolvimento. A visão, a coragem e a liderança de Xanana Gusmão galvanizaram o heroísmo do povo de Timor-Leste e acabaram por tornar possível a independência deste belo país – um sonho em que muitas pessoas tinham deixado de acreditar há muito tempo. A mesma visão e a mesma liderança são expressas nos discursos compilados neste livro, documentando um projecto que em vários aspectos foi tão difícil como a conquista da independência: a construção de um novo país democrático e com unidade nacional, por via da reconciliação e do desenvolvimento.

A independência de Timor-Leste foi um momento histórico e muito emotivo – não só para o seu povo como também para os muitos que a apoiaram. Para mim, enquanto português, este momento teve uma importância histórica enorme, já que pôs um fim honrado e pacífico ao capítulo da história colonial do meu país. Durante mais de duas décadas a diplomacia e a sociedade portuguesas tinham estado unidas no apoio a esta independência, a qual constituía uma causa mais forte do que qualquer outra a nível nacional ou internacional.

A cerimónia da independência em Díli foi também o culminar de um processo extraordinário de solidariedade por parte da comunidade internacional. Aqui posso destacar o empenho pessoal do então Presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, e do antigo Secretário-Geral da ONU, Kofi Annan, bem como a contribuição da Administração Transitória das Nações Unidas em Timor-Leste, sob a

---

<sup>1</sup> Alto-Comissário das Nações Unidas para os Refugiados.

liderança do falecido Sérgio Vieira de Mello. Estando o mundo de hoje cada vez mais imprevisível e repleto de conflitos que se multiplicam, de deslocamentos forçados de populações e de desafios que vão desde as alterações climáticas à insegurança alimentar, dou muitas vezes por mim a pensar nesse momento histórico que ocorreu há uma década, bem como no poder da solidariedade internacional. Hoje, mais que nunca, o mundo precisa dessa solidariedade.

Há dez anos, quando Xanana Gusmão se tornou Presidente da República do novo Estado independente, Timor-Leste iniciou o seu longo percurso rumo a algo que muito poucas das nações maduras do último século e deste têm oportunidade de fazer – construir literalmente uma nação. Tal como o discurso inaugural de Xanana Gusmão transmite, Timor-Leste fê-lo confiante na sua força mas também dando a mão a outros, em especial à vizinha Indonésia. Uma década depois, sob a liderança empenhada de Xanana Gusmão, este relacionamento tornou-se um pilar sólido da região, provando que é possível reconciliar diferenças passadas e avançar unidos de modo a enfrentar os desafios de hoje e de amanhã.